

JORNAL VISUAL DA REDE MINAS DE TELEVISÃO: RECONHECIMENTO,
ACESSIBILIDADE E ACESSO A INFORMAÇÃO PARA PESSOA SURDA. UM
RELATO DOS PROFISSIONAIS TRADUTORES E INTÉRPRETES

Willian da Cunha Pacheco
Valdiana Carla de Sousa
Jardel Joaquim dos Santos

Universidade José do Rosário Vellano-Unifenas: Campus Divinópolis

INTRODUÇÃO

O Jornal Visual (JV), como ele foi conhecido e exibido até março de 2013, foi criado em outubro de 1995. Ele era o único telejornal exibido em Língua Brasileira de Sinais – Libras – no estado de Minas Gerais. A sua duração média era de oito minutos, sem intervalos comerciais. O Jornal Visual era transmitido de segunda a sexta-feira, sempre às 7h50min, com reapresentações às 12h50min. E aos sábados, 12h25min.

O JV saiu da grade da emissora em março de 2013 devido a uma ordem do Ministério do Público do Trabalho. A Emissora demitiu 400 funcionários e lançou o edital do concurso público para contratação de 290 funcionários.

No entanto, a história do JV remonta 1986 quando ainda não tinha este nome, mas era o Jornal Local com a presença do intérprete na tela. O Governo na época era de Hélio Garcia e a intérprete tradutora do Jornal, Dayse Garcia de Miranda.

Este trabalho traz a história no período de 1986 a 2013 do Jornal Visual transmitido pela TV Pública Rede Minas. O trabalho relata como o Jornal foi criado, organizado e pensado para atender ao público não ouvinte.

A história desse Jornal é narrada pelos intérpretes que trabalharam no Jornal Visual durante todo o período em que foi transmitido pela Rede Minas de Televisão.

Para embasar este trabalho, os autores se reportam a artigos que estudam o programa analisado, que defendem o direito à informação também aos surdos e como a televisão foi por muitos anos o principal canal disseminador para esta comunidade, justamente por ser um veículo constituído basicamente por imagens, o que facilita o entendimento do surdo. Hoje, a televisão é mais um complemento das notícias que muitos surdos acessam via internet por meio de ferramentas como do *facebook*, *youtube*, sites de notícias.

Os artigos que irão nortear esta monografia são o “Jornal Visual e a representação das minorias” de Kelly Scoralick (2009), “Um Direito também dos surdos” de Roberta Lage (2007), “Letramento e Surdez: A língua de Sinais como mediadora na compreensão da notícia escrita” de Andreia da Silva Rosa e Luciana Cristiana Trevizanotto (2002) e Língua

de Sinais brasileira de Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnoop(2007). Outros autores serão citados no trabalho para complementar a argumentação dos autores do presente trabalho e subsidiar os argumentos defendidos pelos artigos mencionados como fonte primária de sustentação de todo este trabalho.

OBJETIVO GERAL

Fazer uma descrição narrativa da História do Jornal Visual.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Contar a História do Jornal Visual desde o seu surgimento até o seu fechamento;
- Descrever como o jornal era realizado;
- Analisar as matérias que eram exibidas pelo Jornal Visual.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os autores desta monografia consideram o uso da metodologia Historia Oral para relatar a história do Jornal Visual adequada por representar não apenas relatos, mas por oferecer uma forma de pesquisa qualificada para a obtenção e a ampliação de conhecimentos daqueles que trabalharam no jornal. A vivência, as dificuldades, e o que o Jornal Visual representou para as fontes entrevistadas é o que se procura quando se depara com significado da vida cotidiana que auxiliaram a manutenção de Jornal voltado para a comunidade surda.

Assim, ao pesquisar sobre o Jornal Visual, o presente estudo busca entender o contexto histórico em que o Jornal foi criado, o seu papel como meio de informação para os surdos, a tentativa de acessibilidade para esta comunidade, as dificuldades e sua transformação durante o período em que ficou no ar. Para isto, foram utilizadas entrevistas guiadas por questionário feito para cada interprete apresentador que aceitou relatar sua história, sua vivência profissional neste Jornal. Os questionários são diferenciados para cada intérprete devido à temporalidade histórica em que cada um deles trabalhou.

RESULTADOS

Com os depoimentos já anotados, os autores desta monografia perceberam alguns pontos que merecem ser discutidos. Aqui é importante ressaltar primeiro o espaço oferecido para cada

intérprete apresentador entrevistado, contar a sua experiência com programa transmitido pela Rede Minas de televisão.

A história do JV contada por Dayse Garcia Miranda ocupada 10 laudas desta monografia. Diferente dos outros intérpretes que ocupam uma lauda e meia. Esta diferença se deu pelo fato dela ter sido a primeira intérprete de Língua de Sinais da Rede Minas e trabalhado no programa por 18 anos. Sônia Marta de Oliveira e Antônio Marcondes de Araújo também entrevistados, porém suas atuações no JV, de igual importância, foram para substituir a mesma. Eles a substituíam em suas férias. Assim, enquanto a Dayse relata fatos históricos e sua experiência como intérprete, os dois relatam apenas as suas experiências. Já com Rosane Lucas de Oliveira, que trabalhou no Jornal Visual por 8 anos, o contato para que pudesse narrar a sua vivência como intérprete-apresentadora do programa só foi possível via e-mail. Assim, foi a única entrevista em que não se foi utilizada a metodologia de História Oral. Mas, como o seu depoimento era fundamental, justamente por ter sido a última a trabalhar no programa antes dele sair do ar, os autores optaram por permanecer com o seu depoimento.

Outro ponto a ser considerado quanto aos depoimentos é quanto às ideias, ora são tecnicamente iguais e ora se assemelham, ou abordam assuntos que nem fizeram parte do questionário aplicado. Esta situação acontece no caso do Bimodalismo apontados tanto por Dayse Garcia de Miranda quanto por Antônio Marcondes de Araújo e da formatação do Jornal Visual ao usar meia tela, mencionados por Dayse Garcia de Miranda e Rosane Lucas de Oliveira. Além disso, o intérprete Araújo exemplifica a diferença das duas línguas, português e Libras. Miranda também fala da dificuldade de falar em português e sinalizar assim como o Antônio também faz esse apontamento. Mesma sustentação dada pela autora Lage que aborda a diferença entre as duas línguas que cita o exemplo da frase “Vou na casa dele.” que transcrita para a libras fica “Casa dele vou” .

Para melhor explorar a discussão, os pontos serão comentados por subtítulos para um entendimento mais apurado.

BIMODALISMO

Miranda comenta que em 1995, quando o programa começou a ser chamado de Jornal Visual, ela se acometeu de grande erro ao se tornar locutora também Ou seja, ela sinalizava e fazia locução ao mesmo tempo. A intérprete sentia que havia interferência da Língua Oral na Língua de Sinais. Miranda não cita o nome da técnica bimodalismo. O termo só aparece na entrevista com o intérprete Antônio Marcondes de Araújo. O intérprete tradutor explicou que

apresentava o Jornal Visual falando e sinalizando ao mesmo tempo e que esta prática é conhecida pelo nome Bimodalismo.

Tanto Miranda quanto Araújo consideram o bimodalismo de difícil aplicação. *“Eu errava demais. Ou eu sinalizava ou falava ou vice versa. Não estava dando certo, estava muito cansativo”*. (MIRANDA, 2013). Araújo não só confirma como também explica a diferença entre as duas línguas. *“Então, eu precisava falar em português, sujeito, verbo, objeto e sinalizar em vários casos, objeto, sujeito, verbo. Isto não é fácil”*. (ARAÚJO, 2013)

MEIA TELA PARA O INTÉRPRETE

Quanto ao fato do Jornal Visual ser exibido em meia tela nas exibições das matérias e tela ampla nas locuções e notas, facilitando o entendimento do que era sinalizado por ampliar o espaço do intérprete, é abordado tanto Miranda quanto por Lucas. Enquanto Dayse ressalta que este projeto foi idealizado e pensado por ela e Paulo Lessa. Ela ressalta que toda vez que entrava um novo diretor, o projeto era apresentado. Este novo projeto era essencial porque na janela do intérprete havia uma dificuldade de entendimento devido a sua pequena dimensão, tamanho ou formato.

Lucas, por outro lado, destaca que em 2004, o Jornal Visual passa a ser transmitido em tela inteira quando só a apresentadora-intérprete sinalizava para introduzir uma matéria e meia tela para transmissão das matérias. Esta decisão, explica Rosane, foi tomada pelo núcleo de artes da Rede Minas junto com apresentadora Regiane Lucas. Ambas demonstram que havia uma tentativa de melhorar a compreensão que era sinalizado.

COMO ERA FEITA SELEÇÃO DAS MATÉRIAS

Miranda, Araújo, Lucas confirmam que ajudavam na seleção das matérias. No caso de Miranda, ela ainda fazia a produção e algumas matérias de rua para o Jornal. Araújo afirma que o intérprete era responsável pela seleção das matérias, cabendo ao editor apenas aprovar. Lucas por sua vez, conta que o profissional colaborava sugerindo matérias e notas para o Jornal Visual. No entanto, a triagem cabia ao editor. A única que não participa desta produção, era a intérprete Oliveira. Ela ressalta que participava do JV como intérprete e que cabia a um editor esta seleção.

PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE SURDA NO JORNAL VISUAL

Neste quesito somente Miranda, Araújo e Lucas expõem suas opiniões. As suas ponderações se divergem quanto às percepções. Para Miranda, embora reconhecessem o trabalho, quem assistia ao programa era uma elite da comunidade surda ou estudiosos da Língua de Sinais. O grupo que assistia o Jornal Visual, segundo Miranda, era uma elite da comunidade surda. Outra reclamação era referente ao horário. O jornal ia ao ar 07 horas da noite. Araújo pondera que ele tinha reconhecimento constante dos telespectadores. Ele salienta que na época era o único Jornal que divulgava a língua de sinais. Para Lucas, a comunidade poderia ser mais participativa. Para ela, isto ficou mais evidente com o fechamento Jornal: *“Acredito que poderiam ser mais participativos. Com o encerramento do programa, nenhuma instituição que mantém trabalhos de/para e com surdos se manifestou”*. (LUCAS, 2013)

O QUE O JORNAL REPRESENTOU PARA OS INTÉRPRETES

Miranda responde a esta pergunta ao longo de sua entrevista. Ela discorre desde a fundação, a importância do jornal até mesmo as dificuldades enfrentadas para mantê-lo no ar. Quanto à importância ela frisa quando destaca que a sua chefe praticamente a obrigou a entrar para o vídeo: *“Me colocaram uma responsabilidades daqueles. Por eu entender o quanto isto era importante para a comunidade surda, seria muita irresponsabilidade da minha parte eu não assumir”*. (MIRANDA, 2013). Para mantê-lo no ar, ela ressalta os momentos em que foi desviada de função e organizou um movimento. *“Quando eles tiraram o jornal e me proibiram de entrar no vídeo, eu fiz uma um movimento junto com comunidade surda e denunciei a TV Minas, mandei cartas para senadores, deputados. Fiz um estardalhaço”*. (MIRANDA, 2013).

Para Oliveira e Araújo, o JV representou acesso para comunidade surdo e um aprendizado, pois é outra performance do profissional, com um espaço demarcado. A construção dos sinais também diferente, segundo Oliveira. *“O Jornal Visual representou um grande aprendizado É diferente de um vídeo, de um congresso, da sala de aula. É outra performance do profissional”*. (OLIVEIRA, 2013)

Já Araújo destaca que era o único Jornal apresentado em Língua de Sinais. Segundo ele, mesmo que o JV fosse curto era uma forma de divulgar a Libras. *“Mas na época só tinha o Jornal Visual. Se quisesse ver algo com língua de sinais era só ele. A comunidade surda acabou nos conhecendo muito”*. (ARAÚJO, 2013)

Lucas, por sua vez, salienta o quanto as minorias precisam trabalhar para ter visibilidade. Opinião esta que confirma o que Scoralick alega sobre as minorias. Segundo a autora é

necessário estar alerta nos casos em que há relação de dominação para que seja possível reivindicar os direitos do grupo minoritário e seja transformada situação estabelecida dentro de um espaço em que seja permitido lutar a favor de seus direitos, respeitando seus interesses (SCORALICK, 2009).

DESGASTE DO JORNAL VISUAL

Miranda coloca que o Jornal Visual foi perdendo sua característica de acessibilidade. Segundo ela, era como se oferecesse meia acessibilidade para os surdos. Além disso, como ela relata, havia uma insatisfação por parte dos diretores. *“Ele [o jornal] nunca teve aquela característica, aquela importância”*. (MIRANDA, 2013).

Oliveira pondera que o fechamento do JV foi um retrocesso e uma perda do direito à informação e acessibilidade. Oliveira não via dificuldades de se manter um Jornal como este no ar. *“O fechamento do Jornal foi um retrocesso. É a perda do direito a acessibilidade. E isto infelizmente é lamentável porque a Rede Minas é uma organização vinculada ao governo. Foi uma perda enorme para a comunidade surda”*. (OLIVEIRA, 2013).

Lucas reitera que o JV, embora tenha recebido premiações importantes em 2007 e 2012, o programa não recebeu o apoio da TV Minas como acreditava. *“Todos da emissora elogiavam muito o trabalho, mas poucos aderiram à causa, apoiavam e incentivavam o programa. Era visto como algo distante da realidade da direção”*. (LUCAS, 2013).

DEMOCRATIZAÇÃO DA INTERNET

A interferência da internet para explicar uma das causas do fim do JV não faz parte do questionário elaborado, no entanto são respostas que aparecem em dois momentos. Um com Araújo e outro com Lucas. Os dois compartilham das mesmas opiniões quanto à democratização da internet. Araújo discorre que o programa era na época o único que divulgava a Libras. Porém, com outras possibilidades de acesso, como a internet, o Jornal Visual merecia um novo conceito dentro da proposta jornalística. Ele destaca que hoje é possível acompanhar jornais em Língua de Sinais pela internet. *“Permanecer num modelo arcaico, que o surdo tenha a possibilidade da internet de acompanhar matérias na íntegra com tradução e interpretação não justifica manter”*. (ARAÚJO, 2013)

Ser uma referência para divulgar a Língua de Sinais também é apontado como principal benefício que o programa trouxe para a comunidade. Rosane acredita que antes da internet era um dos únicos meios de acesso à informação que os surdos tinham. *“Com a*

democratização da web e o restrito horário de exibição do programa, acredito que passou a ser mais uma fonte de informação para os surdos e de divulgação da Língua de Sinais para os ouvintes". (LUCAS, 2013).

JORNAL VISUAL COM MATÉRIAS DE GAVETA

A pergunta referente às matérias frias que faziam parte de contexto. Ou seja, primeiro era preciso saber se o intérprete colaborava na escolha das matérias do Jornal Visual para depois perguntar o porquê da opção por matérias que não fossem factuais. Assim, somente Oliveira, que apenas interpretava, é que não respondeu a esta pergunta. Miranda destaca que era mais fácil pelo fato de simplesmente pegá-las e coloca-las em Língua de Sinais. Ela frisa que esta opção gerava nela muitos questionamentos. Isto, porque, Miranda não sabia se o que estava escolhendo era o que o Surdo desejaria ver.

Para Araújo, devido ao fator tempo do Jornal, era necessário escolher matérias que coubessem no programa. Ele explica as matérias eram escolhidas no Jornal anterior e era necessário escolhe-las com o critério para que coubessem dentro do horário do programa. Já Lucas frisa que a opção por matérias frias fazia parte da escolha editorial da emissora. O intérprete, algumas vezes, sugeria uma matéria ou uma nota. Mas, ela destaca que isso era ocasional.

Para melhor compreensão do que é matéria fria, os autores desta monografia fizeram uma análise de cinco edições do Jornal Visual transmitidas em março de 2013. Esta análise se baseia nos mesmos moldes adotada por Scoralick em 2009 quando a autora analisou cinco edições do Jornal Visual, descrevendo as matérias que foram vinculadas para demonstrar o que o jornal oferecia de noticiário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de contar a História do Jornal Visual por meio da metodologia de História Oral foi alcançado e transformado em texto para esta monografia. No entanto, algumas informações neste tipo de metodologia ficam, muitas vezes, imprecisa, como em casos de datas, por exemplo. Isso foi ocasionado ou pelos intérpretes não terem estas informações no momento da entrevista ou não lembrarem e também pelo não acesso aos arquivos da emissora.

Os autores desta monografia também procuraram a Rede Minas para que pudesse dar o seu posicionamento quanto ao fechamento do JV e também informações relevantes como cartas dos surdos, planilhas, registros históricos do programa. Foram feitos contatos pessoalmente,

por telefone e e-mail. Mas não tivemos resposta da emissora até o fechamento deste trabalho acadêmico.

Pela história estar sempre em processo de mudança, esta monografia cumpre o seu papel proposto: contar a história do Jornal Visual por aqueles nele trabalharam. Não havia muitas bibliografias de referência ao tema. Conseqüentemente, os estudos históricos quando este Jornal Bilíngue não terminam aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Língua de Sinais como mediadora da compreensão da notícia escrita. Campinas-SP. 2002. Extraído do site <<http://pt.slideshare.net/duanneinterprete/artigos-sobre-surdez-e-libras>>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014.

CASSAB, Latif Antônia; RUSCHEINSKY, Aloísio. **INDIVÍDUO E AMBIENTE: A METODOLOGIA DE PESQUISA DA HISTÓRIA ORAL.** São Paulo. 2004. P: 8
FENEIS (Federação Nacional de Educação Integração dos Surdos). Livro: **curso básico de Libras.** 2012.

HAAS, Clarissa. **A HISTÓRIA ORAL COMO ITINERÁRIO DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: CONSTRUINDO NARRATIVAS DE “ACEITAÇÃO DO OUTRO COMO LEGÍTIMO OUTRO”.** Rio Grande do Sul. Fonte financiadora: CNPQ. 2012

HONORA, MÁRCIA. LIVRO ILUSTRADO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: DESVENDANDO A COMUNICAÇÃO USADA PELAS PESSOAS COM SURDEZ. SÃO PAULO: CIRANDA CULTURAL, 2009.

LAGE; Roberta. **Acesso ‘a informação: Um direito também dos Surdos.** Edição 435. 2007. Extraído do site <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/um-direito-tambem-dos-surdos>>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014.

LIMA, Maria do Socorro Correia. **Surdez, Bilinguismo e inclusão: entre o dito, o pretendido e o feito.** Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudo de Linguagem. 2004. Extraído do site <http://www.salesianolins.br/areaacademica/materiais/posgraduacao/Educacao_Especial_Inclusiva/Fundamentos_e_pr%Elticas_de_%20ensino_para_pessoas_com_necessidades_educativas_especiais/tese%20lima.pdf>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2003.

Pastoral Diocesana do Surdo de Divinópolis. **Apostila Curso Básico de libras.** 2012.

Pesquisa do termo “Cabeça”; **Blog de jornalismo da Universidade de Uberada**. Extraído do site <<http://telejornalismouniube.blogspot.com.br/2010/03/termos-tecnicos.html>>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014.

Pesquisa do termo “Escalada”; **Blog Universidade Metodista de São Paulo**: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>>. Visualizado em 3 de fevereiro de 2014

Pesquisa do termo “interpretação consecutiva”; **Dicionário de Libras**:<<http://www.dicionariolibras.com.br/website/glossario.asp?cod=124&idi=1&moe=6>>. Visualizado em 3 de fevereiro de 2014.

Pesquisa do termo “interpretação simultânea”; **Dicionário de Libras**.<<http://www.dicionariolibras.com.br/website/glossario.asp?cod=124&idi=1&moe=6>>. Visualizado em 3 de fevereiro de 2014.

Pesquisa do termo “Matérias Factuais”; **Dicionário de Jornalismo**.<<http://dicionariodejornalismo.blogspot.com.br/search/label/F>>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014.

Pesquisa do termo “Matérias frias”; **Dicionário de Jornalismo**.<<http://dicionariodejornalismo.blogspot.com.br/search/label/F>>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014.

Pesquisa do termo “Nota Jornalística”; **Blog Universidade Metodista de São Paulo**: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>>. Visualizado em 3 de fevereiro de 2014

Pesquisa do termo “Nota pé”; **Dicionário de Jornalismo**.<<http://dicionariodejornalismo.blogspot.com.br/search/label/F>>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014.

Pesquisa do termo “Nota Seca”; **Blog de jornalismo da Universidade de Uberada**. Extraído do site <<http://telejornalismouniube.blogspot.com.br/2010/03/termos-tecnicos.html>>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014.

Pesquisa do termo “Português sinalizado”; **Site scielo**: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502003000300013&script=sci_arttext>. Visualizado em 3 de fevereiro de 2014

Pesquisa do termo “texto em off”; **Dicionário de Jornalismo**.<<http://dicionariodejornalismo.blogspot.com.br/search/label/F>>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014.

Pesquisa do termo “VT”; **Dicionário de Jornalismo**.<<http://dicionariodejornalismo.blogspot.com.br/search/label/F>>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014.

Pesquisa da sigla TDD. Portal II Digital.

<<http://iipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/pamphlet/2012/12/20121227140454.html#axzz2saTyKKpj>>. Visualizado em 06 de fevereiro de 2014

Pesquisa da História da Universidade Gallaudeth. **Acessibilidade**

total.<<http://www.acessibilidadetotal.com.br/acessibilidade-irreal/>> Visualizado em 06 de fevereiro de 2014

QUADROS, Ronice Muller. **Aquisição de L1 e L2: o contexto da pessoa Surda.**

Seminário: Desafios e possibilidades na Educação Bilíngue para Surdos. Julho de 1997. Pg:70-87.

QUADROS,Ronice Muller;KARNOPP,Lodenir Becker. **Língua de Sinais brasileira: Estudos Linguísticos.** São Paulo: Editora Artmed, 2007. P 51.52.

ROSA, Andréa da Silva; TREVIZANUTTO, Luciana Cristina. **Letramento e Surdez:**

SANTOS, Jobson Luz dos; MOREIRA, Jaqueline Neves. **A educação Especial e o telejornal: Surdos Closed caption e intérprete da Libras.** IV Colóquio Internacional Educação e contemporaneidade. Laranjeiras- SE. 2010. Extraído do site<http://www.educonufs.com.br/ivocôloquio/cdcolquio/eixo_09/e9-55.pdf>. Visualizado em 03 de fevereiro de 2014

SCORALICK,kelly. **Jornal Visual e a representação das minorias.** Trabalho apresentado no VII Congresso Nacional de História da Mídia. Juiz de Fora-MG. 2009

SWERTS,Mário Sérgio Oliveira. **Manual para elaboração de trabalhos científicos/ Organização de Mário Sergio Oliveira Swerts.** Alfenas:Unifenas.2010. 99f .

Anexos